

TODOS ENTENDEM

Conversando com os Pais sobre como lidar com

DISLEXIA

E OUTROS TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM



Caros pais, mães e responsáveis

A descoberta de que um filho, filha ou parente tem dislexia ou outro Transtorno Específico de Aprendizagem (TEAp) é um desafio. Essa descoberta vem cheia de expectativas e ansiedade, e não é para menos! Ter dislexia ou outro TEAp não significa apenas apresentar dificuldades escolares, mas também na vida cotidiana como um todo.

Sabemos que o esclarecimento destes quadros é fundamental para o entendimento de como se pode ajudar e no melhor direcionamento para que as crianças e jovens tenham a possibilidade de experienciarem situações de aprendizagem e de vida mais prazerosas e saudáveis. Foi por isso que desenvolvemos este material.

Aqui você encontrará informações úteis sobre como identificar alguns sinais da Dislexia e outros Transtornos Específicos de Aprendizagem precocemente, como lidar com as dificuldades, além de orientações gerais que podem auxiliar seu (sua) filho (a) tanto na escola, quanto em casa.

Este material foi feito para ajudá-los nesta empreitada. Traz dicas e sugestões de como contribuir para a aprendizagem. Desejamos que ele seja útil e um passo na consolidação de melhores formas de atendimento às dificuldades, tão fundamental para o avanço de uma aprendizagem significativa.



MÓDULO 1

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

5

Quando suspeitar que algo não vai bem na aprendizagem?	6
Identificando comportamentos sugestivos de dificuldades	7
Estou com dúvidas se meu(minha) filho(a) tem apenas uma dificuldade ou transtorno. A quem recorrer?	8
Dislexia: sinais e sintomas nas diferentes etapas da vida	10
O diagnóstico da Dislexia	12
Métodos de tratamento da Dislexia	14



MÓDULO 2

ORIENTAÇÕES GERAIS

19

Como posso ajudar meu filho em casa?	20
Como lidar com o diagnóstico de um transtorno?	22
Entendendo as implicações legais	23
Como proporcionar um ambiente facilitador de uma boa aprendizagem?	25
Auxiliando nas tarefas/lições de casa	27
Como estruturar uma rotina de estudos em casa	28
Como melhorar a autoestima do(a) meu(minha) filho(a)?	30
Como lidar com problemas emocionais?	32
<i>Bullying</i>	34
Como lidar com a escola/universidade: Enem e adaptações?	35



MÓDULO 3

PARA SABER MAIS SOBRE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

39

O que é aprendizagem?	40
Quando começamos a aprender?	40
Períodos sensíveis do desenvolvimento	41
Quais são os fatores envolvidos na aprendizagem?	42
Fatores de risco e proteção para desenvolvimento e aprendizagem	43
Intervenção Precoce	45
O que é e como se dá o desenvolvimento humano?	46
Como promover estímulos adequados que favoreçam o desenvolvimento e a aprendizagem	48
Interação entre pais e filhos	49



MÓDULO 1

PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

Perceber que algo não vai bem na aprendizagem é essencial, uma vez que toda criança com Dislexia ou outro Transtorno Específico de Aprendizagem tem seu quadro inicialmente identificado como uma dificuldade escolar.



Quando suspeitar que algo não vai bem na aprendizagem?

As dificuldades escolares podem ser decorrentes de diversos motivos, como a falta de interesse, o desempenho global prejudicado, problemas de atenção, dificuldades para compreender o que se pede ou até mesmo para fazer algumas tarefas. Assim, quando falamos sobre problemas de aprendizagem, estamos nos referindo a algo extremamente amplo que envolve causas variadas.

Todo Transtorno Específico de Aprendizagem envolve uma dificuldade no aprender, porém nem toda dificuldade de aprender configura-se como um transtorno específico de aprendizagem.

Ter prontidão para o aprendizado escolar (ou aprendizado formal) significa que a criança está apta e possui habilidades para realizar determinadas tarefas, ou seja, as funções necessárias para a realização dessas tarefas estão maduras o suficiente para que essas atividades sejam desenvolvidas de modo adequado.

Desta forma, quando os processos envolvidos no desenvolvimento não estão maduros para que os desafios escolares (por mais simples que sejam) possam ser enfrentados e superados com excelência, a criança pode apresentar manifestações comportamentais que sinalizam esse desconforto, como relutância em envolver-se

na aprendizagem, resistência para ir à escola, comportamento de oposição em sala de aula ou ao fazer as lições de casa. Em geral, não conseguem acompanhar o ritmo de aprendizado dos seus colegas e tendem a ficar mais agitadas e/ou distraídas, algo que faz com que os pais passem a ser chamados para reuniões na escola com mais frequência.

Se essa dificuldade é atendida adequadamente pelo professor ou conta com o apoio especializado de um profissional da saúde, como um psicólogo ou um fonoaudiólogo, por exemplo, tende a ser sanada na grande maioria dos casos. Todavia, no caso da Dislexia, assim como de outros Transtornos Específicos de Aprendizagem, o acompanhamento deve ser ainda mais intenso para que a criança ou jovem seja capaz de criar estratégias para enfrentar sua dificuldade com mais segurança e eficácia.

Justamente por conta disso, é essencial que o problema seja identificado o mais precocemente possível, e a criança ou jovem receba a intervenção necessária antes que as consequências emocionais e acadêmicas sejam muito prejudiciais. Além disso, é essencial a participação dos pais neste processo de descoberta: compreender a dificuldade da criança, acolhê-la e buscar o tratamento especializado são os primeiros passos para a superação desse desafio.

Identificando comportamentos sugestivos de dificuldades

Os quadros de Transtornos Específicos de Aprendizagem, embora sejam caracterizados por falhas nos processos escolares, também podem manifestar-se por meio de dificuldades nas atividades de vida diária. Isso ocorre porque muitos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática também são ativados e intensamente utilizados em tarefas de outra natureza, como mostra o quadro abaixo:

DIFICULDADES COMUNS A CRIANÇAS/ JOVENS COM TRANSTORNO ESPECÍFICO DE APRENDIZAGEM

PERCEPÇÕES COTIDIANAS

- identificar os dias da semana e os meses do ano (noção de tempo);
- reproduzir uma história na sequência correta;
- seguir ordens e rotinas;
- desenvolver a noção de orientação espacial, provocando confusão com localizações e direções;
- inverter os pés ao calçar sapatos ou confundir direita/esquerda, em cima/embaixo (lateralidade);
- perceber o esquema corporal;
- lidar com padrões de sons que se repetem, como acompanhar o ritmo em uma música;
- aprender canções com rima.

LINGUAGEM

- demonstrar atraso na aquisição da fala;
- persistir em uma fala infantilizada;
- trocar sons ao pronunciar determinadas palavras;
- demonstrar dificuldades para nomear objetos;
- utilizar expressões amplas: "lá naquele lugar";
- usar os substitutos "coisa", "negócio", "treco" etc.;
- substituir palavras semanticamente parecidas: falar cadeira em vez de poltrona.

ATIVIDADES CORPORAIS

- dificuldade para amarrar cadarços de sapato (Coordenação Motora Ampla);
- falta de precisão para agarrar objetos arremessados no ar (Coordenação Motora Fina).

SITUAÇÕES QUE ENVOLVEM LEITURA E ESCRITA

- assistir a um filme com legenda;
- aprender um novo idioma.



Estou com dúvidas se meu(minha) filho(a) tem apenas uma dificuldade ou transtorno. A quem recorrer?

Se você identificou alguma dificuldade no processo de aprendizagem de seu(sua) filho(a), o primeiro passo é descobrir a natureza do problema – somente identificando o que faz com que seu filho não aprenda é que você, os professores e os especialistas poderão oferecer uma ajuda mais eficiente e eficaz para que ele se desenvolva na escola e na vida.

Assim, é muito importante uma conversa na escola, inicialmente com o professor ou professora de seu(sua) filho(a), pois certamente este profissional poderá oferecer informações e observações importantes sobre o comportamento e o desempenho escolar de seu(sua) filho(a). Essas informações poderão ajudá-lo a perceber se existe um **padrão de comportamento**, ou seja, se o comportamento e o desempenho na escola são parecidos com os apresentados em casa (observados durante a realização de lição de casa ou outra tarefa) ou em qualquer outro ambiente em que a criança ou o jovem conviva.

Se seu filho ou filha já estiver no Ensino Fundamental II (a partir da 6ª série ou 7º ano), procure conversar com o(a) professor(a) que tem mais contato com seu filho (geralmente o(a) professor(a) de Português ou Matemática) ou mesmo com a coordenação pedagógica. Mesmo se a escola não

demonstrar disponibilidade de recursos necessários para avaliar e realizar alguma intervenção, é necessário solicitar um relatório que descreva o desempenho e o comportamento observados, pois esse documento será de extrema relevância para a discussão do caso com a equipe de saúde.

Na avaliação multidisciplinar da aprendizagem, a observação do(a) professor(a) também é fundamental para ajudar a definir a natureza e a implicação das dificuldades encontradas no aluno, já que é ele e os demais profissionais que acompanham a criança ou o jovem quem possuem o conhecimento técnico e prático sobre suas atividades. As informações fornecidas pelo(a) professor(a) possibilitam não apenas um conhecimento aprofundado sobre a criança/jovem, mas também a inserção de seu problema em um contexto que envolve o método de ensino utilizado pela escola, a classe onde a criança está, as atividades e as expectativas da escola com os alunos.

Após o contato com a escola, é importante considerar com a equipe pedagógica a necessidade de encaminhamento para um profissional ou equipe que esteja fora do ambiente escolar e realize uma Avaliação Diagnóstica Multidisciplinar. Esse tipo de avaliação, de modo geral, envolve médicos, fonoaudiólogos, psicopedagogos e neuropsicólogos, ou seja, profissionais especialistas em Transtornos Específicos de Aprendizagem e em avaliação psicológica/cognitiva.

A necessidade de avaliação com esses diversos profissionais se dá porque as dificuldades podem ocorrer por múltiplas causas, como já descrito, além de o diagnóstico dos Transtornos Específicos de Aprendizagem basear-se em dados colhidos de diversas formas:

- na história de vida, também chamada de Anamnese (histórico de como ocorreu o desenvolvimento e aquisição de habilidades);
- na história da dificuldade de aprendizagem (quando teve início);
- no impacto da dificuldade do funcionamento escolar;
- em relatórios escolares, em portfólios de trabalhos;
- em avaliações de base curricular e em avaliações com instrumentos normatizados e padronizados (nos quais é possível saber o desempenho esperado para cada idade ou nível escolar).

Com essas avaliações e com todos esses dados em mãos será possível à equipe caracterizar as áreas de dificuldade e também os talentos de seu(sua) filho(a). Isso permitirá que os pontos fracos sejam enfrentados de modo mais eficaz ao se fazer uso das suas potencialidades. Assim, pode-se elaborar um plano de intervenção mais efetivo e motivador, já que a criança/jovem se sentirá mais confiante para enfrentar os desafios do dia a dia, aumentando as chances de ter avanços significativos.

Os pais são a chave para que sejam fornecidas informações sobre o histórico de vida da criança, sua vida atual e mudanças ao longo do desenvolvimento.



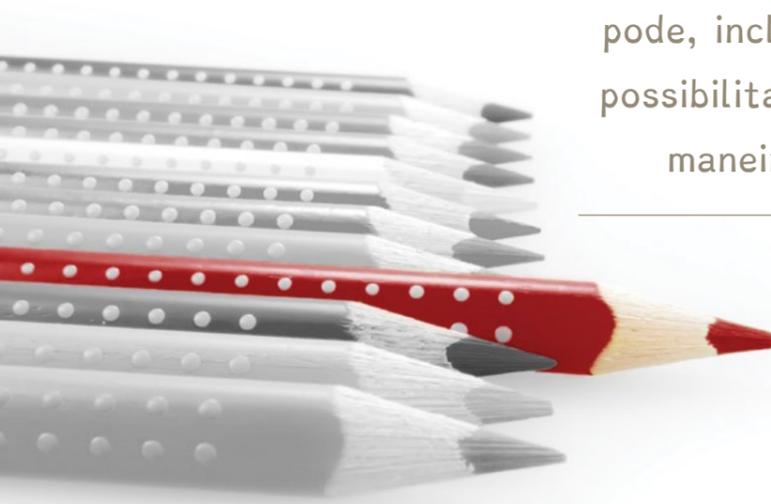
Dislexia: sinais e sintomas nas diferentes etapas da vida

A forma como as dificuldades se manifestam ao longo da vida nos indivíduos com Dislexia se modifica conforme o desenvolvimento e varia dependendo das interações entre as exigências ambientais, a variedade e a gravidade das dificuldades de cada um.

Ao lado das manifestações no ambiente acadêmico, é comum a ocorrência de alto nível de sofrimento psicológico e pior saúde mental geral, como episódios de Transtorno de Ansiedade, incluindo queixas somáticas (dores em uma ou diversas partes do corpo), ou Ataques de Pânico, que acompanham as expressões das dificuldades de aprendizagem ao longo da vida.

Associado a isso, há a possibilidade de consequências que são bastante preocupantes durante toda a vida, como o baixo desempenho acadêmico, maior probabilidade de não cursar o Ensino Médio, menores chances de atingir o Ensino Superior, maiores taxas de desemprego e menor renda. É **muito** importante que a identificação e o tratamento adequados dos Transtornos Específicos de Aprendizagem sejam realizados o mais precocemente possível, uma vez que, com a intervenção adequada, tudo pode ser diferente, principalmente o futuro do seu filho ou da sua filha.

A identificação dos sinais de dificuldades de aprendizagem para o diagnóstico e as intervenções específicas devem ser realizadas o mais precocemente possível. Lembre-se: você é ferramenta essencial na vida do seu(sua) filho(a) e pode, inclusive, mudar o seu futuro, ao possibilitar que ele(a) se desenvolva da maneira mais saudável possível!



DIFICULDADES PERCEBIDAS NA VIDA ACADÊMICA

PRÉ-ESCOLA

- demora na formação de frases completas
- persistência de fala infantilizada
- troca de fonemas (sons) na fala
- demora na incorporação de palavras novas ao seu vocabulário
- demora para perceber ou produzir rimas
- dificuldade em reproduzir uma história na sequência correta
- atraso para aprender cores, formas e números
- dificuldade em escrever e reconhecer as letras do próprio nome
- problemas para contar e lembrar nomes de símbolos

Dificuldade para pronunciar os sons de determinadas palavras

comida
tomida

ENSINO FUNDAMENTAL 1 (1º ao 5º ano)

- inversão da grafia de letras e números, escrevendo "6" em vez de "9"
- lentidão ao copiar o conteúdo da lousa
- dificuldade para aprender as letras do alfabeto e a tabuada
- dificuldade para planejar a grafia de letras e números
- problemas ao soletrar, separar e sequenciar sons
- dificuldade em escrever com a letra cursiva (de mão) por causa da preensão (forma de segurar) do lápis

Dificuldade na discriminação de letras cujo som é semelhante

pola bola faca vaca
tado dado chacaré jacaré

ENSINO FUNDAMENTAL 2 (6º ao 9º ano)

- tendência a inventar ou adivinhar as palavras
- dificuldade de soletração
- resistência em ler em voz alta
- prejuízo na organização da escrita e planejamento de tarefas que exigem que cálculo de tempo
- demorar a finalizar as tarefas ou se prejudicar ao dividir o tempo para realização de questões em uma prova, deixando respostas em branco
- dificuldade para compreender textos, piadas, provérbios, gírias, problemas matemáticos

Erros específicos na leitura, como:

- omissão:
sabinte (sabonete)
- trocas:
livor (livro)
- aglutinação:
Tenho medo de chuva
(Tenho medo de chuva)

ENSINO MÉDIO

- persistir com dificuldade para soletrar palavras complexas
- tendência a problemas na compreensão leitora e na expressão escrita
- vocabulário empobrecido
- dificuldade para planejar e elaborar textos escritos, reproduzir histórias e entender conceitos abstratos

Os jovens podem ter dominado a decodificação de palavras, mas a leitura permanece lenta e trabalhosa.

UNIVERSIDADE E VIDA ADULTA

- é comum evitar atividades que exijam leitura ou matemática (mesmo estas sendo de lazer)
- uso constante de estratégias alternativas para ter uma melhor compreensão do material impresso, como busca por áudio-livros e utilização de mídia audiovisual ou de softwares de texto-pronúncia ou pronúncia-texto.

Podem precisar reler o material para compreender ou captar o ponto principal do conteúdo lido, podendo também ter problemas para realizar inferências.

O diagnóstico da Dislexia

A palavra Dislexia vem do grego *dis* (mau funcionamento, disfunção) e *lexia* (palavra) e se refere a uma alteração do neurodesenvolvimento de origem biológica associada a manifestações comportamentais. Essas manifestações decorrem de uma série de fatores, como a interação de questões genéticas e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações com eficiência e exatidão. Além disso, sofrem intensa influência das condições da gestação e do nascimento, o que produz uma forma distinta de funcionamento cerebral.

VOCÊ SABIA?

Nem toda dificuldade de aprender configura-se como um Transtorno Específico de Aprendizagem.

Quando falamos em Dislexia, estamos tratando de um Transtorno Específico de Aprendizagem. Mas o que seria um transtorno? Transtorno é um termo utilizado geralmente na área da saúde e descreve de maneira sistematizada uma série de características comuns a um grupo de pessoas, facilitando, assim, a comunicação entre os profissionais de diversas áreas. Da mesma maneira que temos os Transtornos de Ansiedade e o Transtorno do Espectro Autista, temos também os Transtornos Específicos de Aprendizagem, que dizem respeito a uma dificuldade e/ou funcionamento abaixo do esperado de um ou mais dos seguintes domínios: leitura, expressão escrita ou matemática.

Assim, o processo diagnóstico envolve a compreensão de diversos aspectos, sendo o primeiro o fato de que a dificuldade na aprendizagem e no uso de habilidades escolares deve ter persistido por pelo menos seis meses, apesar de intervenções dirigidas a elas. Essas intervenções dizem respeito ao modelo de Resposta à Intervenção – RTI (da sigla em inglês para *Response to Intervention*), cujo principal objetivo é prevenir as dificuldades de aprendizagem e de comportamento por meio da aplicação de intervenções baseadas em evidências científicas.

É recomendado que uma primeira fase (camada de intervenção) da RTI deve ser aplicada na escola. Por meio dessa intervenção, é possível identificar se o mau desempenho está relacionado a uma metodologia de ensino não adequada, a questões comportamentais ou a dificuldades específicas. Inicialmente se faz uma triagem com todas as crianças e apenas as que não apresentam uma resposta satisfatória seguem para as outras etapas do programa (camadas 2 – intervenção em pequenos grupos e camada 3 – intervenção individualizada), que vão se tornando cada vez mais específicas/intensivas e são sempre monitoradas. Caso as dificuldades se mantenham, apesar do acompanhamento especializado, há chances de que a criança possa apresentar um Transtorno Específico de Aprendizagem.

Ainda: as habilidades escolares afetadas devem estar substancial e qualitativamente abaixo do esperado para a idade cronológica do indivíduo, ou seja, uma criança com 12 anos de idade pode estar rendendo na escola de modo compatível ao desempenho de uma criança menor, causando

TRANSTORNO ESPECÍFICO DE APRENDIZAGEM

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais já está em sua 5ª edição (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-5*) e lista todas as categorias de transtornos e critérios para diagnosticá-los de acordo com a Associação Americana de Psiquiatria (American Psychiatric Association – APA).

Em sua mais recente edição, publicada em 2013, os transtornos de leitura (Dislexia), matemática (Discalculia) e expressão escrita (Disortografia) foram condensados em uma única categoria denominada Transtornos Específicos de Aprendizagem. Apesar dessa aglutinação, o diagnóstico deve especificar se há prejuízo na leitura, na expressão escrita ou na matemática.

DIS LEXIA
CALCULIA
ORTOGRAFIA



interferências não apenas na vida escolar, mas também na realização das atividades cotidianas e em sua autoestima.

As dificuldades na aprendizagem começam na idade escolar, mas podem não se manifestar plenamente até que a demanda daquela habilidade ultrapasse a capacidade limitada do indivíduo (ex.: avaliações com limites de tempo, leitura ou produção de textos longos e complexos com prazo curto, sobrecarga acadêmica). Essas dificuldades na aprendizagem não podem ser explicadas por deficiências intelectuais, déficits visuais ou auditivos não corrigidos, outros transtornos neurológicos ou mentais, adversidade psicossocial, baixa proficiência na língua utilizada para a aprendizagem acadêmica ou instrução educacional inadequada.

Da mesma forma, as habilidades acadêmicas afetadas devem estar substancialmente e mensuravelmente abaixo do esperado para indivíduos da mesma idade cronológica, e causar interferência significativa no desempenho acadêmico e profissional com instrumentos de medida apropriadamente padronizados e avaliação clínica abrangente. Outros critérios diagnósticos incluem:

Apesar da dificuldade de decodificação, na Dislexia não há um prejuízo na capacidade de compreensão auditiva. Assim, quando o conteúdo é lido por alguém em voz alta, ele é compreendido sem dificuldade.

CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS

Leitura lenta ou incorreta de palavras e feita sob esforço	→	lê palavras isoladas em voz alta de forma lenta, incorreta ou hesitante; frequentemente adivinha palavras; tem dificuldade ao pronunciar as palavras
Dificuldade de compreender o significado do que é lido	→	pode ler corretamente um texto, porém não entende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que foi lido
Dificuldades de soletração	→	pode acrescentar, omitir ou substituir vogais ou consoantes
Dificuldades de expressão escrita	→	frases apresentando múltiplos erros de gramática ou pontuação, organização inadequada dos parágrafos, pouca clareza ao expressar as ideias através da escrita
Dificuldades no domínio do senso numérico, dos fatos numéricos ou cálculos	→	tem pouco conhecimento dos números, sua magnitude e as relações entre eles; usa os dedos para adições de um dígito ao invés de recorrer à tabuada como fazem seus pares; se perde no meio de uma conta, podendo confundir os procedimentos
Dificuldades no raciocínio matemático	→	demonstra muita dificuldade em aplicar conceitos, fatos ou procedimentos matemáticos para resolver problemas quantitativos

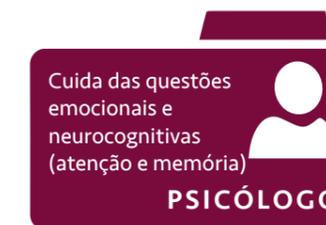
Neste sentido, para confirmar um quadro de Transtorno Específico de Aprendizagem, os critérios diagnósticos devem ser preenchidos com base na síntese clínica da história do paciente (desenvolvimental, médica, familiar e educacional), em relatórios escolares e avaliação psicopedagógica, sendo que essa investigação abrangente deverá envolver profissionais especialistas em transtornos de aprendizagem e em avaliação psicológica/cognitiva.

Métodos de tratamento da Dislexia

A Dislexia é um Transtorno Específico de Aprendizagem heterogêneo, isso significa que os disléxicos não são todos iguais, com as mesmas dificuldades e necessidades. Sendo assim, não há um único método de tratamento. Entretanto, alguns aspectos devem ser considerados nesse processo:

Atendimento interdisciplinar

A avaliação realizada por uma equipe de profissionais indica quais as necessidades de cada disléxico. Há diversas combinações possíveis de atendimentos por especialistas. No geral, os profissionais mais indicados são o fonoaudiólogo, o psicopedagogo e o psicólogo.



Nem sempre todos esses tratamentos são necessários ao mesmo tempo. Pode-se iniciar por uma especialidade e, ao longo da evolução, ou com o surgimento de novas questões, outras terapias podem ser priorizadas. A existência ou não de transtornos associados também pode interferir na decisão de quais tratamentos devem ser seguidos e em que momento.

Geralmente, quando a avaliação é realizada por uma equipe, essa hierarquia de prioridade de terapia é estabelecida, de forma a esclarecer qual profissional pode auxiliar nas principais dificuldades apresentadas. Se a equipe não fizer essa recomendação, é importante que você, pai ou mãe, questione sobre isso, pois é algo que pode fazer toda a diferença no tratamento de seu(sua) filho(a).

Utilização de métodos baseados em estratégias fônicas para a alfabetização

Há diversas pesquisas que comprovam a importância de se reforçar a consciência dos sons nas crianças antes e durante a alfabetização, pois essa prática facilita o processo de aquisição de leitura e escrita e é um forte potencializador para o bom desempenho nessas habilidades. Para os indivíduos com dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita isso é ainda mais importante. Trabalhar oralmente com os sons das palavras é fundamental para, em seguida, associar letras a esses sons. Isso possibilita ao disléxico ler sem fazer adivinhações, com maior precisão e, conseqüentemente, compreender melhor o material lido.

Estimulação multissensorial

Em sala de aula ou estudando com os filhos em casa, temos a tendência de usar muitos estímulos verbais para as explicações, isto é, falamos bastante, privilegiando assim o canal auditivo para a entrada de informações. Ocorre que temos outros sentidos, como a visão, o tato, o olfato e o paladar. Para muitos disléxicos e demais pessoas com dificuldades de aprendizagem, esses outros canais podem ser mais bem aproveitados.

VOCÊ SABIA?

Os genes podem ser “ligados” ou “desligados” pelos fatores ambientais, como dietas, exposição a toxinas e interações sociais – por isso somos tão diferentes anatomicamente. Assim, é de extrema importância que o desenvolvimento ocorra em um ambiente propício, cercado de fatores de proteção e o mais distante possível dos fatores de risco.

VOCÊ SABIA?

O déficit de processamento fonológico, ou seja, a dificuldade em utilizar as unidades sonoras que constituem a palavra, tem sido relacionado aos quadros dos Transtornos Específicos de Aprendizagem de forma universal e persistente, podendo ser identificado ainda antes de a criança iniciar o processo de alfabetização, propiciando o desenvolvimento de programas de intervenção precoce.

A apresentação de imagens, esquemas, filmes, entre outros, pode facilitar a aprendizagem, assim como situações que explorem outros sentidos e até emoções. Recomenda-se que o professor utilize diferentes formas de apresentação para o mesmo conteúdo, envolvendo mais sentidos do que a audição. Ele pode desenhar na lousa uma linha do tempo durante a aula de história, realizar com os alunos experiências científicas, utilizar exemplos práticos para ensinar conceitos mais difíceis (fazer um mercadinho na sala de aula para que os alunos aprendam as operações matemáticas enquanto simulam situações de compra), por exemplo.

E, se para ensinar podemos explorar canais diversos, para avaliar devemos fazer o mesmo. Elaborar formas diversas de avaliação pode facilitar a demonstração de conhecimento dos indivíduos com dificuldades em se expressar por meio da escrita. A elaboração de esquemas, apresentação de seminários, dramatizações, construções de maquetes são algumas possibilidades que podem complementar ou até substituir as avaliações escritas.

Não é recomendável o uso de lentes, treinos motores ou uso de palmilhas ou calçados adaptados

Há uma série de tratamentos controversos para a Dislexia, por isso é importante ficar atento. Todos esses recursos não têm comprovação científica e pressupõem que o transtorno seja de origem perceptual, isto é, visual ou postural, quando, na verdade, sabemos que se trata de um transtorno de origem neurológica. O uso desses recursos, além de gerar custos desnecessários pode, ainda, adiar o tratamento terapêutico realmente eficiente.

Não há medicamento para a Dislexia

Em alguns casos, são prescritos medicamentos para transtornos que coexistem com a Dislexia, como o Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) ou Transtornos de Ansiedade, por exemplo. Para a Dislexia, o tratamento é essencialmente clínico/psicoeducacional, isto é, realizado por terapeutas da saúde/educação em parceria com a escola e a família.

Adaptações pedagógicas aliadas ao trabalho dos especialistas

É muito importante que o trabalho terapêutico dos especialistas esteja alinhado ao desenvolvido na escola, pois a criança ou o jovem que se encontra em terapia, melhorando suas condições de leitura e escrita, pode precisar de algumas adaptações nas atividades escolares. Vale ressaltar que não há uma receita para todos os indivíduos, cada um tem dificuldades específicas e em diferentes graus. Provas orais, por exemplo, podem não ser recomendadas a todos os estudantes com dificuldades para ler e escrever. Essas adaptações também devem mudar ao longo do tempo, de acordo com a evolução do estudante, proporcionando apoio, sem deixar, porém, de estimular sua autonomia.

Motivação e apoio dos pais e familiares

Crianças com dificuldades de aprendizagem sofrem muitas frustrações e experiências de fracasso. Para que enfrentem a vida escolar e os tratamentos necessários, é fundamental que se sintam apoiadas por seus pais e familiares. Muitos momentos de tristeza ou desânimo podem ocorrer ao longo da caminhada e o afeto e carinho os ajudam a persistir. Momentos de vitórias e conquistas também virão e a valorização daqueles que amam é, da mesma forma, essencial.

Assim, valorize as conquistas de seu(sua) filho(a) e incentive-o(a) a vencer os novos desafios, tendo sempre paciência, pois muitas vezes as conquistas virão a partir de um passo de cada vez.

Em cerca de 40% dos casos de Transtornos Específicos de Aprendizagem, há comorbidades, ou seja, combinação com mais de uma dificuldade específica, sendo essencial a atenção a sinais e sintomas que possam representar outros distúrbios.



MÓDULO 2

ORIENTAÇÕES GERAIS

Pais não devem tentar ser professores ou terapeutas de seus(suas) filhos(as), mas podem ajudá-los a progredir, tendo atitudes coordenadas à toda a equipe que apoia seu(sua) filho(a).



Como posso ajudar meu filho em casa?

Nem sempre é fácil para os pais lidar com filhos disléxicos. Há momentos em que é preciso ter paciência e tolerância; há outros em que é preciso encorajá-los, apesar de toda a insegurança que os pais podem estar sentindo. Pensando em auxiliá-los nesta caminhada, elaboramos algumas dicas:

VOCÊ SABIA?

Sabemos que os Transtornos Específicos de Aprendizagem têm grande impacto na vida acadêmica e até profissional dos indivíduos, mas essa condição não os impede de atuar profissionalmente em áreas diversas. Podemos inclusive lembrar de alguns nomes da Arte ou da Ciência como Albert Einstein, Tom Cruise, entre outros, que obtiveram grande êxito profissional.

Enfatize os potenciais da criança/jovem

Frequentemente os pais tendem a reforçar as dificuldades de seus filhos e não suas habilidades. É importante identificar e estimular essas habilidades. Crianças/jovens com dificuldade de aprendizagem podem ter boa capacidade de raciocínio, imaginação, inovação e até habilidades artísticas ou esportivas interessantes que merecem ser incentivadas. Para estas crianças/jovens, experimentar a sensação de sucesso é fundamental, uma vez que passam por muitas experiências frustrantes relacionadas à leitura e à escrita.

Não castigue ou faça ameaças por conta do mau desempenho escolar

Essas atitudes só trazem sofrimento e aumentam a insegurança da criança ou do jovem. Podem, ainda, trazer consequências devastadoras para o relacionamento familiar. Procure, ao contrário, manter o diálogo e o apoio incondicional. Lembre-se de auxiliar e sinalizar os aspectos positivos de seu(sua) filho(a).

Estimule as habilidades de consciência dos sons das palavras

Para aprender a ler e escrever é preciso perceber que as palavras são compostas por pequenos sons, para depois associá-los às letras. Dessa forma, ler poemas, brincar com músicas e jogos que favoreçam a percepção de rimas, sons semelhantes no começo e no fim das palavras, separação de sílabas, entre outros, podem ser um estímulo valioso para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Há jogos de tabuleiro e eletrônicos comercializados para este fim. Converse com os profissionais que atendem seu(sua) filho(a) para uma boa escolha.

Estimule a prática de leitura e de escrita

Sabemos, por meio de estudos das Neurociências, que a prática (que podemos chamar também de treino ou repetição) tem efeito bastante positivo sobre o desenvolvimento de algumas habilidades, sejam elas a leitura e a escrita ou alguma atividade esportiva, por exemplo. Para ser um

bom atleta é preciso treinar, certo? Para ser um bom leitor também! Mas, cuidado! Procure favorecer situações prazerosas e divertidas de leitura e escrita!

Escolha o melhor horário para realizar atividades de leitura e escrita

Praticar a leitura, fazer tarefas, estimular a linguagem são atividades recomendadas, mas não devem ocupar todo o tempo da interação entre pais e filhos. Provavelmente você e seu(sua) filho(a) se encontram após a escola e seu trabalho, e, nesse momento, devem estar cansados e menos pacientes. Priorize atividades lúdicas que possam contribuir para o aprendizado. Quando isso não for possível, como em época de provas, por exemplo, planeje a divisão do tempo com intervalos e tente se revezar no acompanhamento das atividades escolares com o cônjuge ou tutor.

Escolha um local adequado para realizar as atividades de leitura e escrita

Procure um local tranquilo, sem barulho ou estímulos visuais (TV, janela, etc.) exagerados. Organize a mesa de trabalho com apenas o material necessário. Aproveite para ensinar seu(sua) filho(a) a organizar este local e seu material; afinal, a intenção é que ele vá fazendo cada vez mais atividades de maneira autônoma.

Acompanhe de perto a vida escolar de seu(sua) filho(a)

Essa é uma atitude que todos os pais deveriam ter, mas crianças/jovens com dificuldade demandam ainda mais atenção. Esteja atento à agenda de tarefas e provas e auxilie na organização para a realização dessas atividades. Procure saber como seu(sua) filho(a) tem se comportado em sala de aula, como está socialmente e não deixe de participar das reuniões escolares.

Evite comparações

Entenda que seu(sua) filho(a) tem um ritmo próprio no processo de aprendizagem e também para realizar as atividades escolares. Não se aborreça caso ele demore mais que outros para alcançar os objetivos. Ao contrário, esteja ao seu lado, respeitando suas necessidades e encorajando-o.

Mantenha-se em contato com a escola e com os profissionais que acompanham seu(sua) filho(a)

Essa comunicação garante que todos estejam alinhados e adotem as melhores estratégias para o desenvolvimento do disléxico.

Os adultos que cercam crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem desempenham papel fundamental no futuro deles. É importante que sejam pacientes, persistentes e encorajadores, que os defendam e os incentivem. Assim, terão, além de sucesso acadêmico, grandes chances de um futuro feliz.



Como lidar com o diagnóstico de um transtorno?

O diagnóstico de um transtorno pode ser inicialmente perturbador. Muitas dúvidas e medos podem surgir e cada membro da família pode reagir de forma diferente à situação. Em geral, as famílias que resolvem bem seus conflitos são as que melhor enfrentam um diagnóstico, pois são capazes de conversar e se apoiar.

VOCÊ SABIA?

Há instituições em que, no exame vestibular, os disléxicos podem usufruir de tempo extra ou até de um profissional capacitado para ler o exame e/ou transcrever respostas. O mesmo vale para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Informe-se no ato da inscrição. Mas lembre-se, as instituições pedem laudos com o diagnóstico para conceder as adaptações!

Logo após o diagnóstico, muitos sentimentos podem emergir: raiva, tristeza, arrependimento por atitudes e decisões anteriores, ansiedade em relação ao futuro da criança ou jovem, entre outros. É importante que todos possam se permitir sentir e até sofrer, para, em seguida, se encher de força e enfrentar as situações que um Transtorno Específico de Aprendizagem trazem para a vida da criança/jovem e sua família. Algumas atitudes são bastante benéficas para esse processo:

Converse com a equipe interdisciplinar que fez o diagnóstico e/ou com os profissionais que acompanham seu(sua) filho(a)

- Procure compreender por que chegaram a esse diagnóstico, quais são os potenciais e dificuldades específicas do seu(sua) filho(a) e como será o tratamento.
- Não tenha receio de perguntar, mais de uma vez, se for preciso.
- Peça informações sobre o transtorno e orientações a respeito de como ajudar a criança/jovem.

Procure informações sobre o Transtorno Específico de Aprendizagem

- Conhecer a dificuldade ajuda a diminuir a insegurança e o medo.
- Reconhecer certas características de seu(sua) filho(a) pode auxiliar na compreensão de certos comportamentos.
- É possível procurar informações e apoio em universidades, onde geralmente há clínicas-escola, ou buscar em seu município algum núcleo de atendimento ligado à área de educação e saúde.

Fale com seu(sua) filho(a) a respeito do problema.

- Converse com a criança/jovem a respeito de sua condição.
- Lembre-se de adequar sua fala à idade e à possibilidade de compreensão de seu(sua) filho(a).
- Você pode ir aumentando a complexidade de informações e perguntas a medida que ele(a) cresce.

- Nunca deixe de escutá-lo(a).
- Permita que ele (ela) também expresse seus medos, dúvidas e angústias e o(a) acolha.
- Esclareça que a condição dele(a) nada tem a ver com o quanto ele (ela) é inteligente.

Encontre ou forme associações ou grupos de apoio

- Pertencer a um grupo pode ser reconfortante, pois percebe-se que outras pessoas passam por dificuldades semelhantes e não se está só.
- A troca de ideias e experiências enriquece e beneficia a família como um todo.
- Os pais podem sentir-se mais seguros e os filhos, mais bem compreendidos e amparados.
- Além disso, esses grupos promovem maior conhecimento sobre o transtorno e fomentam a participação dos integrantes como cidadãos, incentivando-os a lutar também politicamente pelos direitos de seus (suas) filhos(as).



PARA SABER MAIS

Para saber como formar um grupo de pais, acesse ao Orientador para Grupo de Pais do iABCD no link abaixo:
http://www.institutoabcd.org.br/portal/arquivos/1352403519_gui_orientador_para_a_formacao_de_grupos_de_pais.pdf

Entendendo as implicações legais

No Brasil, ainda não há uma lei federal específica que atenda aos disléxicos. Os Transtornos de Aprendizagem se enquadram na categoria de Necessidades Educacionais Especiais, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996). A Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem necessidades educacionais especiais na Educação Básica. Assinala, ainda, que todos esses alunos devem ser matriculados e cabe às escolas organizarem-se para que recebam educação de qualidade.

Atualmente tramita na Câmara dos Deputados um projeto de lei federal que dispõe sobre o diagnóstico e o tratamento da dislexia e do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade na educação básica, o PL 7081/2010.

PARA SABER MAIS

Para saber mais sobre o Projeto de Lei que dispõe sobre o diagnóstico e o tratamento da dislexia e do Transtorno do Deficit de Atenção e Hiperatividade na educação básica acesse: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=472404>

Ainda que não exista uma política nacional, podemos observar que já há movimentos legislativos que procuram garantir o atendimento educacional diferenciado, preferencialmente na rede pública regular de ensino em alguns estados e cidades do país.

No Rio de Janeiro, a Lei Estadual nº 5.848, de 28 de dezembro de 2010, dispõe sobre medidas para identificação e tratamento da Dislexia na rede estadual de educação, objetivando a identificação precoce e o acompanhamento de estudantes disléxicos. Prevê também a capacitação permanente de educadores para que tenham condições de identificar nos estudantes os sinais da Dislexia e de outros Transtornos Específicos de Aprendizagem.

Alguns municípios aprovaram leis visando o diagnóstico e o tratamento da Dislexia. Em Curitiba (PR), a Lei nº 12.569, de 11 de dezembro de 2007, dispõe sobre a realização de campanhas de esclarecimento sobre o diagnóstico da dislexia na rede municipal de ensino.

No município de Jundiaí (SP), criou-se o Programa Especial de Diagnóstico da Dislexia na rede municipal de ensino, com a Lei municipal nº 7014/2008. São previstos a identificação e o atendimento aos alunos da pré-escola e do ciclo I do Ensino Fundamental (1ª à 4ª séries).

A Lei nº 13.983/2010, do município de Campinas (SP), regulamenta o programa de diagnóstico e tratamento da Dislexia em alunos da rede pública. De acordo com essa lei, as escolas devem assegurar às crianças e adolescentes com dislexia o acesso aos recursos didáticos e estratégias de ensino adequados ao desenvolvimento de sua aprendizagem. Além disso, o poder executivo deve organizar cursos, seminários e oficinas para capacitar educadores para identificarem o problema em sala de aula.

Em Santa Maria (RS), a Lei nº. 5998, de 20 de julho de 2015 institui o Dia de Conscientização da Dislexia, a ser comemorado anualmente no dia 10 de outubro.

Mesmo que essas leis sejam iniciativas adotadas por alguns municípios e estados brasileiros, apontam para a necessidade de debate e de implementação de ações que orientem a prática de educadores com esses alunos. É importante que pais, profissionais da saúde e educação e toda a comunidade lutem por políticas públicas que contemplem as necessidades de pessoas com Transtornos Específicos de Aprendizagem ao longo de sua vida escolar.

O diagnóstico de Dislexia ou outros Transtornos Específicos de Aprendizagem não dá direito à aposentadoria. Isso porque, segundo o INSS, “a Aposentadoria por Invalidez é um tipo de benefício que o cidadão, segurado do INSS, poderá ter direito caso fique constatado pela perícia médica do INSS, que não há possibilidade de voltar a trabalhar em nenhuma atividade que possa garantir o seu sustento e o da sua família”.



Como proporcionar um ambiente facilitador de uma boa aprendizagem?

Temos várias formas de entender a palavra ambiente. Normalmente, pensaríamos em um local. Aqui vamos ampliar esse conceito e integrar ao espaço físico os participantes das diversas situações de aprendizagem, o clima e outros aspectos que podem favorecer esse processo.

No que concerne ao local, temos duas situações diferentes: o local de estudos e de realização de tarefas e os locais que podem propiciar aprendizagem de maneira indireta ou informal.

Pensando no ambiente de estudos e de realização de tarefas, é importante que este seja o mais “limpo” (ou menos poluído) possível, ou seja, livre de muitos estímulos, como TV, videogame e outros objetos que possam distrair a atenção de seu(sua) filho(a). Também é ideal que esse ambiente seja bem iluminado e arejado e fique longe de locais onde há muito barulho, tornando-se um espaço tranquilo e convidativo.

Não se esqueça de que qualquer medida que vise promover a aprendizagem de seu(sua) filho(a) é um passo importante que pode ajudá-lo(a) a vencer suas dificuldades. Por isso, fique atento a alguns detalhes como mostra o quadro abaixo:

DICAS PARA CRIAR UM BOM AMBIENTE DE ESTUDOS

PROVIDENCIE MESA E CADEIRA DE TAMANHO APROPRIADO

- não permita que seu(sua) filho(a) faça tarefas no sofá ou na cama. A postura inadequada pode atrapalhar também a concentração.

EVITE DISPERSÕES

- no local de estudos, evite a presença de objetos que podem distrair a atenção de seu (sua) filho(a), como TV, rádio, computador ou brinquedos.

ELIMINE SITUAÇÕES DE DESCONFORTO

- elimine situações como fome, sono, cansaço, antes de começar a estudar,

FAVOREÇA O BEM-ESTAR

- providencie iluminação e temperatura adequadas, limpeza e organização do local.

Como já foi mencionado, não é só o local que constitui um ambiente facilitador. A boa interação entre as pessoas também é muito importante. Favoreça um clima agradável entre você e seu(sua) filho(a), no qual ele(a) se sinta à vontade para perguntar quando necessário ou demonstrar seus conhecimentos. Tente colocar-se como parceiro e não como alguém que sabe mais ou só cobra bom desempenho.

Mostre que, mesmo adulto, você está sempre aprendendo também. O exemplo ensina mais do que palavras.

Nos momentos de estudos, procure criar um clima tranquilo e até divertido. Aprender pode ser bastante prazeroso. Tente aproximar os conteúdos escolares das situações do dia a dia. Deixe que seu(sua) filho(a) conte o que já sabe a respeito do tema de estudo, esclareça dúvidas e o (a) auxilie na organização das tarefas.

Ajude seu(sua) filho(a) a descobrir de que forma ele aprende melhor. Talvez ele (a) recorde informações visuais, como desenhos, gráficos; talvez prefira ouvir gravações ou assistir a filmes. Cada aprendiz tem um estilo preferencial de aprendizagem e utilizar esses recursos durante os estudos pode ser muito eficiente para a aprendizagem.

Quando seu(sua) filho(a) estiver desestimulado com os estudos, em vez de “passar sermão”, procure despertar sua curiosidade a respeito dos temas escolares. Procure filmes, livros, exposições ou até passeios que agucem a curiosidade e agreguem novas informações. Podemos aprender em diferentes ambientes e de forma divertida, se nos permitirmos ir para além dos livros escolares.

É importante, ainda, valorizar os estudos e o conhecimento. Se você não acredita que estudar é importante, seu(sua) filho(a) poderá ter a mesma crença e não enxergar motivo para tamanho esforço. Conte para ele (a) como foi sua vida escolar e a importância dos estudos para sua situação atual.

JOGO DA LIÇÃO DE CASA

🔗 Acesse o site: <http://educarparacrescer.abril.com.br/licao-de-casa/jogo-licao/> e descubra erros comuns no ambiente de estudos.

Auxiliando nas tarefas/lições de casa

Como já foi mencionado, cada criança/ jovem tem necessidades específicas e algumas dependem totalmente da leitura de alguém para realizar as tarefas; no entanto, com a melhora na capacidade de ler e escrever, as crianças/jovens vão necessitando cada vez menos de auxílio. Por isso não há uma regra. Você deve ajudar de acordo com a necessidade de seu(sua) filho(a), sem perder de vista o estímulo à autonomia.

👍 Companhia versus Autonomia

Se não for preciso ficar ao lado da criança/jovem o tempo todo, procure alguma atividade relacionada à leitura ou à escrita para fazer por perto. Evite ausentar-se para fazer algo que ele (ela) também gostaria, como ver TV ou jogar no computador.

👍 Quando a criança/jovem tiver dúvidas, evite dar a resposta

Favoreça a reflexão e a pesquisa. Use esquemas, desenhos, filmes ou outros recursos visuais para ajudar na compreensão de algum ponto.

👍 Auxilie na organização das ideias

Muitas vezes, apesar de dominar o conteúdo, o disléxico tem dificuldade de “colocar as ideias no papel”. Você pode ajudá-lo a planejar as respostas ou pontuar quando estão confusas.

👍 Corrija com parcimônia

Corrija evitando fazer seu(sua) filho(a) apagar e refazer uma tarefa muitas vezes. Pontue os erros mais importantes de ortografia quando estes ocorrerem em grande quantidade.

👍 Aumentando a autoestima

Elogie sempre que seu(sua) filho(a) realizar as tarefas com empenho, ainda que existam erros.

👍 Praticando o prazer de aprender

Aproveite este momento para fazer relações entre o que seu(sua) filho(a) está estudando e a vida cotidiana, tornando o aprendizado mais concreto e interessante para ele (ela).

ESTABELEÇA UMA ROTINA PARA TODA A SEMANA

- 🕒 Organize com seu(sua) filho(a) o local e o material necessário;
- 🕒 Certifique-se de que ele(ela) sabe o que precisa ser feito;
- 🕒 Leia textos e instruções, se isso for necessário.

Como estruturar uma rotina de estudos em casa

A rotina é muito importante para a vida das crianças desde seu início de vida. A rotina de cuidados do bebê, por exemplo, traz segurança e auxilia seu desenvolvimento físico e psíquico.

Também para crianças maiores e até para os jovens a rotina é importante, ela organiza! Crianças cujas famílias adotam uma rotina clara e consistente geralmente são mais organizadas: alimentam-se e dormem em horários adequados, participam de tarefas da casa, têm horários para o lazer, ou seja, planejam seu tempo e o aproveitam de uma forma melhor.

E é claro que essa rotina geral influencia positivamente o aprendizado, pois essas mesmas crianças e jovens tendem a ser pontuais, não deixam de realizar suas tarefas, organizam seus materiais e estão em dia com o estudo.

Sendo assim, pais, procurem estabelecer e respeitar uma rotina diária para sua família. No que se refere à rotina de estudos, temos algumas considerações e sugestões.

A primeira é: não há uma receita. Não existe um único modelo de rotina de estudos. Cada família deve avaliar suas possibilidades e organizar um roteiro que pode ser revisto à medida que surgirem necessidades. O importante é que a rotina contemple locais, horários e responsáveis por determinadas tarefas. A respeito do local, leia mais em “[Como proporcionar um ambiente facilitador de uma boa aprendizagem](#)” neste material.

Em relação ao horário, procure avaliar, diante das possibilidades da família, qual o ideal. É importante que a criança esteja descansada, sem fome, sem sono. Evite competir com os horários dos programas preferidos dela, desde os da TV até a brincadeira com os colegas da rua ou do prédio. É aconselhável que esse horário também concilie com o de um adulto que possa ficar disponível às mais diversas necessidades da criança. Há crianças que conseguem realizar tarefas com autonomia, mas há aquelas que precisam de suporte, tal qual a leitura de textos ou comandas, por exemplo.

Alterne tarefas que seu(sua) filho(a) tenha dificuldade com outras mais agradáveis ou até mesmo com pausas para o lazer ou descanso. O disléxico se cansa com facilidade, pois ler é uma tarefa trabalhosa para ele. Ajude-o ainda a planejar a execução de trabalhos escolares com prazos mais longos e o auxilie na organização de uma agenda de estudos para as semanas de provas.

Procure respeitar o tempo de concentração de seu (sua) filho(a). Observe por quanto tempo ele é capaz de estudar ou fazer tarefas concentrado e planeje intervalos baseados nesse tempo.

Ninguém apresenta bom rendimento quando está exausto. Os intervalos podem ser pequenos e podem ser aproveitados para um lanche, uma brincadeira, um tempo de atividade prazerosa.

Estimule o estudante a fazer uma revisão de suas produções (respostas escritas, textos, contas), pois a criança, e até mesmo o jovem, tendem a querer terminar logo para ficar livre.

A rotina de estudos deve contemplar não só as lições de casa, mas também a realização de trabalhos escolares e o estudo dos conteúdos vistos em aula. Sabemos que não é aconselhável estudar apenas nas vésperas de provas e, para os disléxicos, a repetição dos conteúdos pode ser uma estratégia interessante para a memorização. Assim, é prudente estudar todas as matérias continuamente. Sugerimos que vocês coloquem a rotina de estudos em um quadro semanal ou mensal em local de fácil visualização.

Valorize o esforço e elogie os conhecimentos de seu(sua) filho(a). Estudar não é tarefa simples para um disléxico. As dificuldades da leitura e escrita tornam este momento mais desgastante do que para outros estudantes.

No ambiente escolar, em especial, alunos que apresentam baixa autoestima podem “congelar” diante de atividades muito desafiadoras, por causa de um sentimento de incapacidade, sendo que neste caso a aprendizagem não ocorre de uma maneira significativa e o vínculo com o aprendizado é prejudicado. Assim, o ideal seria expor seu(sua) filho(a) a um desafio em um nível adequado, gerando o sentimento de capacidade e fazendo com que se sinta motivado(a) a encarar aquele desafio, transformando-o em aprendizado.



Como melhorar a autoestima do(a) meu(minha) filho(a)?

Você sabe o que é autoestima? A autoestima é a percepção que temos de nós mesmos tendo como base o modo como desempenhamos nossas tarefas. A baixa autoestima está associada a uma autoimagem negativa e a sentimentos negativos em relação a si próprio.

Assim, se seu(sua) filho(a) receber ao longo da formação da sua identidade as mensagens “Você é responsável!”, “Você faz as coisas bem!”, isso construirá uma imagem positiva de si mesmo. Porém, se ele for frequentemente comparado com um irmão, amigo ou primo e receber mensagens como “Você é mau!”, “Você é preguiçoso!”, “Você é burro!”, “Você não faz nada direito!”, isso construirá uma imagem negativa de si mesmo e pode despertar emoções e sentimentos ruins, que podem bloquear não apenas o desenvolvimento afetivo global, mas também interferir na aprendizagem como um todo.

Além disso, crianças/jovens menos confiantes têm maior risco de sofrer *bullying* e não conseguir enfrentar as situações de maneira confiante e eficaz.

Mas o que fazer se perceber que seu(sua) filho(a) tem apresentado baixa autoestima? Em primeiro lugar, se perceber algum comportamento diferente, tente observar o que está acontecendo sem invadir o espaço de seu(sua) filho(a) e esforce-se para conversar sem agredi-lo(a) – entender o que estão sentindo e percebendo do mundo será essencial para ajudá-los a superar a insegurança, o medo e as frustrações. Assim, é muito importante ouvir, refletir e conversar sobre os diversos assuntos de forma coesa e coerente, vinculando suas palavras às suas ações (“Faça o que eu digo. E faça o que eu faço!”).

Há diversas maneiras de elogiar seu(sua) filho(a). Escolha que lhe parece mais confortável e acione sua “lupa” para aquilo de positivo que ele(ela) faz!

Algumas orientações são essenciais para desenvolver a autoestima da criança e do jovem: uma delas é sempre valorizar o que foi feito de positivo e elogiar sempre que possível. O elogio pode ser feito de diversas maneiras e o mais importante é que seja genuíno e coerente com o seu funcionamento como pai ou mãe – você pode demonstrar afirmação fazendo contato visual e sorrindo em aprovação, dizendo expressões como “Muito bem!”, “Parabéns!”, “Você foi ótimo ao realizar isso!”, “Orgulho-me de você quando faz tal coisa!”, fazendo sinal de positivo (joia), dando um abraço/beijo e dizendo como se sente orgulhoso(a).

Também é positivo apertar a mão ou criar um cumprimento especial com seu(sua) filho(a), contar aos demais familiares o que o filho(a) fez de positivo quando estiverem jantando, desenhar uma carinha sorrindo na mão da criança ou colar um adesivo na camiseta com um desenho bacana.

Você pode montar com seu(sua) filho(a) um cartão de apresentação para favorecer a formação de sua identidade pessoal, englobando aspectos como qualidades pessoais, preferências, sonhos e atividades de lazer – incentive-o(a) a conhecer-se. Essa atividade pode ser ampliada ao solicitar que ele(ela) busque com pessoas do seu convívio (melhores amigos, professores, familiares) seus aspectos positivos e os aspectos que precisam ser melhorados, pensando sempre em formas de resolução.

Atividades de autoconsciência, visualizando o próprio corpo com os olhos fechados e dizendo palavras agradáveis a respeito de cada parte da cabeça aos pés ou refazer a própria história (linha do tempo) com fotografias, desenhos e produções atualizadas a cada aniversário também favorecem a consciência sobre si mesmo.

Mas e se ele (a) errar ou fizer malcriação? Nessas situações, deve-se tentar, sempre que possível, evitar destacar os erros, buscando demonstrar como revertê-los, como mostra o quadro abaixo:

Tentar transformar situações de crise em um aprendizado também podem melhorar a autoestima do seu(sua) filho(a).

DETALHES QUE FAZEM TODA A DIFERENÇA

+ INDICAR O QUE A CRIANÇA PRECISA MELHORAR		
Não seja tão chato e teimoso!	→	Você deve tentar respirar e manter a calma quando perde um jogo.
👍 TRANSFORMAR QUALIDADES NEGATIVAS EM POSITIVAS		
obstinado	→	persistente
desobediente	→	assertivo
travesso	→	curioso
teimoso	→	supera desafios
? FAZER AFIRMAÇÕES/PERGUNTAS POSITIVAS		
Você está fazendo uma bagunça! não é assim que usamos os pincéis!	→	Você pode me mostrar como você coloca os pincéis direitinho aqui nestes potes?



Como lidar com problemas emocionais?

Para identificar o que acontece dentro da cabeça de seu(sua) filho(a), você deve se aproximar e tentar entender o que está por trás do comportamento que você tem considerado preocupante. Todo comportamento que observamos pode ser gerado por uma série de motivos: a agressividade, por exemplo, pode tanto ser intencional e por falta de limites como uma reação desencadeada por uma grande sensação de medo e vulnerabilidade. Mas o que fazer se perceber que seu(sua) filho(a) está com alguma dificuldade emocional? Vamos lá!

Lidar com problemas emocionais é extremamente difícil e, justamente por isso, exigem paciência, repetição, insistência e esforço diário. Essa prática envolve não apenas a criança/jovem, mas também todos os familiares com quem se relacionam, que devem estar dispostos a investir tempo, esforço e atenção para ajudá-la a adequar melhor suas emoções.

Evite “discursos prontos” – seu papel é ajudar e monitorar seu(sua) filho(a) a chegar às próprias conclusões, utilizando perguntas e afirmações em momentos oportunos, visando desenvolver a empatia como, por exemplo, “Como você (ou o outro) se sentiu em determinada situação?” ou “Quais seriam as formas de resolvermos este problema?”.

O primeiro passo ao identificar algum problema emocional é transmitir à criança/jovem a importância de se ter consciência daquela situação e pensar em formas de encará-la e superá-la – é essencial que haja um espaço para diálogo e trocas. Desenvolver a Consciência Emocional favorece as relações com os demais e consigo mesmo, melhora a aprendizagem, facilita a resolução de problemas e favorece o bem-estar pessoal e social.

O que está por trás disso é o conceito de Inteligência Emocional, que é formado por um conjunto de competências (atitudes, habilidades e conhecimentos) relacionado à capacidade de administrar de forma adequada as emoções próprias e alheias, conseguindo compreender, expressar e adequá-las de forma apropriada.

O desenvolvimento da Inteligência Emocional pode ser estimulado não apenas de espaços para conversas, mas também por meio de leitura e discussão de livros específicos e atividades ou jogos direcionados que podem ser feitos em casa retratando situações cotidianas. Para isso, deve-se ter em mente quais aspectos serão estimulados em cada atividade, bastando, assim,

ELEMENTOS QUE COMPÕEM O CONCEITO DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

CONSCIÊNCIA EMOCIONAL

Trata-se da capacidade de estar consciente das próprias emoções e das dos outros, percebendo, identificando e dando nome ao que estamos sentindo. Algumas perguntas que os pais podem fazer para ajudar na aquisição da consciência emocional são: “Como você se sente?”, “O que tem vontade de fazer”, “Como acha que o outro se sente?”, “O que você acha que ele tem vontade de fazer?” ou “Como pode melhorar a situação?”.

ADEQUAÇÃO EMOCIONAL

Refere-se à capacidade de controlar e administrar as emoções de forma apropriada, principalmente em situações críticas e de conflitos. Também é a capacidade de gerar emoções positivas, em contraponto às emoções menos adaptadas que podem nos levar a situações mais desagradáveis, como a raiva, a tristeza e o medo.

AUTONOMIA EMOCIONAL

Diz respeito à capacidade de gerar em si mesmo as emoções apropriadas em determinado momento. A autonomia emocional abre caminho para a empatia e o desenvolvimento das competências sociais e envolve fatores como boa autoestima, atitude positiva diante da vida e responsabilidade.

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Trata-se de manter boas relações com os outros por meio do uso de habilidades como assertividade (ou seja, expressar-se sem ser passivo ou agressivo, mas sim respeitando o outro), empatia (compreender o ponto de vista do outro mesmo que seja diferente do seu), saber escutar, definir um problema (analisar todos os fatores de uma situação crítica), avaliar soluções e saber negociar, ou seja, encontrar soluções que sejam aceitas e resultem em algo adequado aos interesses dos envolvidos.

HABILIDADES PARA A VIDA E O BEM-ESTAR EMOCIONAL

Envolvem comportamentos apropriados e responsáveis para confrontar o que nos acontece, permitindo organizar a vida de forma sadia e equilibrada, facilitando experiências de satisfação ou bem-estar.



Bullying

O *bullying* é um termo da língua inglesa (*bully* = valentão) criado na década de 1970 pelo pesquisador norueguês Dan Olweus e se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionas e repetitivas adotadas por uma pessoa ou um grupo contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento.

VOCÊ SABIA?

Segundo uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, cerca de 30% dos alunos do 9º ano referiam ter sofrido *bullying* nos 30 dias antes da pesquisa. O resultado foi o mesmo para as escolas públicas e privadas (Malta, 2012).

A violência no *bullying* ocorre sem motivação evidente e tem o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem que esta tenha a possibilidade ou capacidade de se defender, em uma relação desigual de poder, caracterizando uma real situação de desvantagem para a vítima.

Neste caso, ela pode passar a ter medo/pânico de ir para a escola, faltando sistematicamente ou criando desculpas para não ir, como falar que está doente ou dizer que a aula foi cancelada.

Além disso, no ambiente doméstico, sentimentos como raiva, impotência, insônia, enurese noturna (o famoso xixi na cama), dores frequentes de barriga ou de cabeça, sintomas depressivos e ansiosos e comportamentos que beiram o estresse e descontrole podem se tornar presentes, sendo importante considerar, inclusive, a possibilidade de abandono da escola e tendências suicidas nos casos mais graves.

O praticante do *bullying* (*bullie*) é a pessoa autoritária que controla ou domina os demais membros do grupo e tem um ponto de vista preconceituoso sobre os outros, destacando aspectos não apenas da aparência física, mas também de dificuldades sociais (crianças tímidas) ou acadêmicas específicas.

Mas não é só ele o participante desse tipo de abuso: há também os incentivadores e os observadores que se tornam “plateia” dos agressores – também é essencial que haja uma sensibilização das crianças e jovens para que percebam sua responsabilidade diante da situação ao serem coniventes com essas manifestações de poder. Ainda, deve-se destacar que os papéis de vítima e agressor são bastante flexíveis, já que quem sofre *bullying* em um contexto pode praticá-lo em outra situação.

O *bullying* não é legal (em nenhum aspecto) e pode trazer muitos problemas no futuro para quem pratica ou sofre esse tipo de violência. Portanto, fique atento e ajude a evitar esses episódios, conversando sempre com seu(sua) filho(a) e desestimulando qualquer tipo de agressão.



Como lidar com a escola/universidade: Enem e adaptações?

A vida escolar de uma criança ou adolescente disléxico não costuma ser fácil. Na escola, a maior parte dos conteúdos é aprendida e avaliada por meio da linguagem escrita. Dessa forma, mesmo que o disléxico domine toda a matéria, tem o grande desafio de ler e escrever para demonstrar e aprofundar seus conhecimentos.

A fim de possibilitar que essas crianças e jovens tenham sucesso e demonstrem todo seu potencial, algumas adaptações podem ser utilizadas no processo. Vale ressaltar que os disléxicos e suas necessidades são diferentes; sendo assim, as adaptações podem variar de estudante para estudante. Seguem algumas adaptações utilizadas durante a vida escolar desses indivíduos, desde a educação básica, até a universidade.

Provisão de tempo extra para realização de tarefas ou provas

O disléxico utiliza estratégias diferentes de um leitor típico, pois sua leitura tende a não ser automática e fluida como dos outros. Ele gasta mais tempo e energia para ler e também para escrever. Por isso, pode beneficiar-se de tempo extra tanto em provas como em atividades cotidianas de leitura e escrita.

Realização de provas com auxílio de um “ledor” e ou transcritor”

Esta é outra medida já adotada por alguns vestibulares e pelo Enem e pode ser realizada no Ensino Fundamental e Médio. Essa adaptação possibilita que os estudantes não dependam de sua leitura e escrita deficientes para expressar seus conhecimentos. Com o auxílio do ledor – alguém responsável por realizar a leitura de questões de uma prova ou texto – podem compreender questões e textos de uma avaliação. Da mesma forma o transcritor, que registra no papel as respostas dadas pelo estudante, permite que seus conhecimentos sejam avaliados, a despeito dos erros ortográficos e de elaboração de textos que são comuns aos disléxicos.

Realização de avaliações orais ou adaptadas

As escolas têm autonomia para escolher as formas de avaliar os conhecimentos de seus alunos. O ideal é que um aluno disléxico tenha formas variadas para expressar o que aprendeu. Podem

As habilidades de leitura e escrita evoluem e algumas adaptações podem dar lugar a novas propostas ou tornarem-se simplesmente desnecessárias.

No Brasil, é possível solicitar tempo extra na realização de alguns exames vestibulares e até do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). É importante informar-se dos detalhes no momento da inscrição.

ser usadas provas orais, provas dissertativas, provas com conteúdos reduzidos, com textos adaptados, seminários, desenhos, dramatizações, maquetes... Vale lembrar que não há uma única forma de avaliação e, ao longo da progressão escolar, as estratégias podem ser revistas. Além disso, a participação do leitor/transcritor pode ser concomitante.

Correção diferenciada de avaliações

As avaliações servem para que possamos compreender se o aluno aprendeu determinados conteúdos. E, se não aprendeu, quais foram suas dificuldades. Portanto, analisar os erros é a parte mais rica da correção de uma prova ou atividade. Diferenciar se houve problemas na compreensão do enunciado ou do conteúdo é fundamental. Quando o professor nota que a dificuldade do aluno foi na interpretação do enunciado, pode, por

exemplo, fazer uma retomada oral daquela questão. Assim, o aluno tem a chance de demonstrar por meio da fala o que compreendeu da pergunta e o que sabe a respeito daquele assunto.

Além disso, uma correção diferenciada não puniria com desconto de notas os erros ortográficos pertinentes à dislexia. O dislético não erra a grafia das palavras por falta de atenção ou capricho, mas sim por dificuldades em automatizar a relação entre as letras e seus sons, bem como em memorizar a grafia de palavras irregulares e pouco familiares. O simples desconto de notas não favorece nenhum desses processos inerentes à Dislexia. O aluno dislético deve ser avaliado pelo conteúdo de sua produção escrita e não pela forma.

Utilização de materiais auxiliares como notebook, gravadores, calculadora

O uso desses recursos pode facilitar algumas tarefas escolares dos alunos com Dislexia, porém seu uso durante aulas e/ou provas deve ser sempre conversado com a escola. Não aconselhamos que seu(sua) filho(a) grave as aulas sem o consentimento do professor e da coordenação.

Por mais que seja uma estratégia interessante, já que nem sempre o dislético consegue fazer anotações enquanto presta atenção às aulas expositivas, é importante que o assunto seja conversado com professores e equipe pedagógica da escola. O mesmo vale para fotografias da lousa, uso de calculadoras e tablets durante as aulas e avaliações.

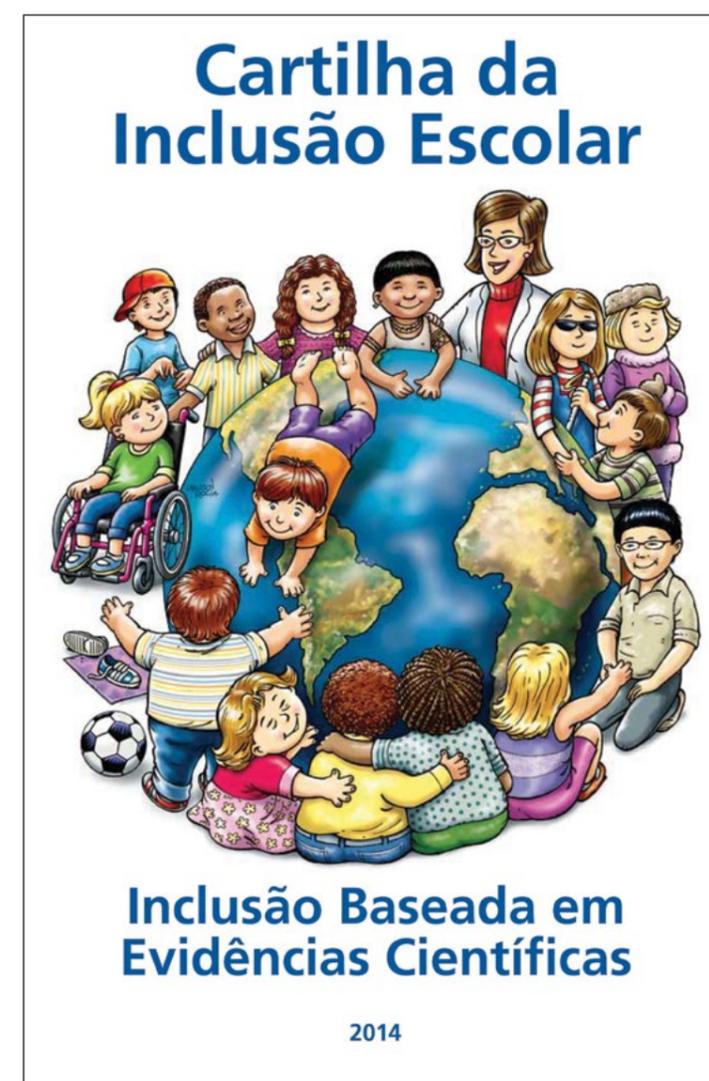
Na universidade, planejar uma grade de disciplinas viável

Na universidade, ao contrário do Ensino Fundamental e Médio, geralmente os estudantes podem montar a própria grade de disciplinas. Isso é bastante interessante para os alunos disléxicos, uma vez que podem “dosar” o volume de matéria a que se dedicam.

Sugere-se que, mesmo que isso lhes custe algum tempo a mais, o dislético mescle disciplinas com maior volume de leitura com outras com conteúdos mais práticos ou reduza a carga horária para que tenha tempo de aplicar-se em casa aos trabalhos e leituras.

PARA SABER MAIS

Para saber mais sobre o assunto consulte a Cartilha da Inclusão Escolar em: <<http://www.aprendercrianca.com.br/cartilha-da-inclusao/385-cartilha-da-inclusao-3>>.





MÓDULO 3

PARA SABER MAIS SOBRE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Acompanhar o desenvolvimento infantil é fundamental para que possamos promover estímulos apropriados e detectar alterações que possam prejudicar a vida futura.



O que é aprendizagem?

A aprendizagem é um processo de mudança de comportamento resultante de experiências e é influenciada por fatores neurobiológicos, emocionais e ambientais. Podemos adquirir vários tipos de aprendizagem durante toda a vida.

Essas aprendizagens, como um novo caminho para o trabalho, uma nova língua, andar de bicicleta, ler, escrever e muitas outras, dependem de áreas específicas do cérebro e podem ser influenciadas em diferentes graus por fatores, como mostra o quadro abaixo:

FATORES QUE INFLUENCIAM A APRENDIZAGEM

QUESTÕES NEUROBIOLÓGICAS

Desenvolvimento cerebral, audição, visão, entre outros

AMBIENTAIS

O ambiente onde estamos inseridos, se é rico em estímulos ligados ao que estamos aprendendo, por exemplo

SOCIOECONÔMICOS

Renda familiar, que influencia na alimentação, na moradia, no acesso a serviços especializados

EMOCIONAIS

Motivação, envolvimento e interesse

Além disso, cada pessoa tem um tempo e ritmo próprios para aprender. Também é importante lembrar que cada tipo diferente de aprendizagem é um processo que leva determinado tempo para ser concluído.

Quando começamos a aprender?

Começamos a aprender antes mesmo de nascer, dentro do útero materno. Durante o período de gestação da mãe, o bebê passa por uma série de experiências, como ouvir, perceber luminosidade,

sentir o gosto do líquido amniótico... Essas experiências causam diferentes reações; por exemplo, quando o bebê percebe mudanças no gosto do líquido amniótico, passa a engolir mais quando sua mãe ingere doces e faz caretas para substâncias amargas ou azedas. Ou, ainda, quando a mãe passa por uma situação de estresse, os batimentos cardíacos dos bebês aumentam. Em contrapartida, músicas tranquilas, leitura de histórias e até a voz da mãe tranquilizam o bebê ainda dentro da barriga.

Há pesquisas provando que a criança recém-nascida tem preferência pela voz feminina, especialmente a materna, e chegam até a preferir músicas e histórias que costumavam ser lidas ou contadas pela mãe durante o período de gestação. Já podemos ver, nesses exemplos, alguns dos primeiros traços de memória que o bebê começa a formar. Essas primeiras experiências de aprendizagem são muito importantes, pois são a base para as aprendizagens mais complexas que acontecerão nos próximos anos de vida da criança.

Períodos sensíveis do desenvolvimento

Além de descobrir quando a criança começa a aprender, é essencial saber quais os melhores momentos para que ele adquira novos conhecimentos, ou seja, quais os períodos de vida mais propícios para se adquirir certo tipo de aprendizado. Será que há “janelas de oportunidade” para o aprendizado? A resposta para essa questão é “sim, há diversas janelas abertas não apenas durante a infância, como também ao longo de toda a vida”.

Durante o desenvolvimento, há períodos em que o cérebro da criança está mais sensível a algumas experiências sensoriais e motoras, estando mais propícia a desenvolver certas habilidades. Essas habilidades serão desenvolvidas se houver estímulos adequados que permitam seu pleno desenvolvimento.

Por exemplo, o bebê já nasce com algumas capacidades sensoriais, como a visão e a audição, mas o sistema visual continua a se aperfeiçoar nos primeiros meses de vida, a partir da interação com o meio ambiente – este é o período sensível para que a visão se torne mais desenvolvida e a criança seja, então, capaz de discriminar objetos e lugares, além de faces.

Da mesma forma que a visão, a ausência de experiência sensorial adequada durante o período sensível para essa aquisição pode resultar no desenvolvimento anormal do cérebro, levando a um desenvolvimento global também anormal que, por sua vez, pode levar a distúrbios importantes. É justamente por conta desses períodos sensíveis do desenvolvimento que muito se fala nos dias de hoje sobre a importância da intervenção precoce.



Quais são os fatores envolvidos na aprendizagem?

A aprendizagem se passa no Sistema Nervoso Central, que é o responsável por receber e processar as informações que o corpo recebe do ambiente. Tudo o que fazemos, desde ações mais simples, como retirar a mão rapidamente de uma superfície quente, até comportamentos mais complexos, como dirigir um carro enquanto se procura um endereço, depende da harmonia de todos os componentes do Sistema Nervoso Central, que é constantemente influenciado por fatores internos e externos.

Os fatores internos dizem respeito não apenas ao bom funcionamento do cérebro para receber e processar as informações, mas também à integridade das vias que levam as informações até ele, como a visão, a audição, o olfato, a via tátil-cinestésica e a via gustativa.

Assim, por exemplo, crianças que apresentam dificuldades visuais muitas vezes podem apresentar, como consequência das alterações da visão, dificuldade para aprender novos conteúdos. Da mesma forma, quando a audição ou o processamento dos dados auditivos está prejudicado, a aprendizagem sofre interferência.

Há outras habilidades que são necessárias para um bom aprendizado escolar que, se apresentarem falhas, podem produzir repercussões significativas para a execução correta das tarefas. Entre essas habilidades, destacam-se a coordenação motora, visomotora e as praxias.

Quando falamos de coordenação motora, nos referimos à capacidade de executarmos movimentos de forma coordenada, o que envolve uma adequada comunicação entre o cérebro e nossa musculatura.

O conceito de coordenação visomotora envolve a capacidade de coordenar informações que recebemos visualmente com o ato de programar nossos movimentos – isso ocorre quando estamos fazendo uma atividade de alinhavo ou de cópia, por exemplo.

Já as praxias caracterizam um movimento que fazemos de maneira intencional e organizada com o objetivo de alcançar determinado resultado – o ato de amarrar os sapatos, por exemplo.

Além disso, problemas de ordem neurológica, como paralisia cerebral, epilepsia e deficiência intelectual também podem afetar o processo de aprendizagem. O mesmo ocorre com problemas físicos – crianças que apresentam hipotireoidismo, desnutrição, parasitoses, anemia, doenças

reumáticas, imunoalérgicas, doenças nos rins (nefropatias), no coração (cardiopatia) e nas vias aéreas também podem apresentar dificuldades no aprendizado.

Além disso, os Transtornos Psíquicos Evolutivos (Depressão, Transtornos de Humor, Transtorno Opositor Desafiante e a conduta antissocial, por exemplo) se agravam quando a criança enfrenta conflitos no ingresso à escola, devendo ser sempre acompanhados com cautela.

Quando nos referimos à escola, esperamos que este seja um local que propicie experiências positivas ao desenvolvimento infantil. Para que isso ocorra é essencial que a instituição tenha boas condições físicas, sendo um ambiente seguro e constituído por salas de aula iluminadas, limpas, arejadas e com um número adequado de alunos por sala.

Além disso, a escola deve fornecer condições pedagógicas apropriadas, como materiais e métodos didáticos adequados à idade e à realidade das crianças, a otimização do turno escolar e a aproximação e cumplicidade com os núcleos familiares.

Por último, mas, definitivamente, não menos importante, a condição do corpo docente é peça-chave para o sucesso acadêmico das crianças – os professores e coordenadores devem ser profissionais qualificados, motivados, dedicados e, acima de tudo, remunerados adequadamente.

No que diz respeito à família, há diversos aspectos que exercem influência sobre o estímulo que as crianças têm para estudar, como a escolaridade dos pais (principalmente, da mãe), o hábito de leitura na família e as condições socioeconômicas. Em geral, separações e brigas dos pais ou demais membros da família constituem fatores de desagregação familiar, desestruturando todos os envolvidos neste contexto.

Fatores de risco e proteção para desenvolvimento e aprendizagem

Por definição, fatores de risco são eventos negativos que ocorrem na vida de um indivíduo e aumentam a probabilidade de que ele apresente problemas de ordem física, social ou emocional no futuro. A exposição da criança a esses fatores a coloca em “situação de risco”. No caso da

Manter a mente ativa,
ou seja, estimular o
cérebro com informações
e aprendizado,
desacelera o declínio
cognitivo e melhora
as habilidades cognitivas
em adultos.

Assim, o cuidado
de agora, pode ser
essencial para o futuro
de seu(sua) filho(a)!

criança em situação de risco, seu desenvolvimento pode não acontecer dentro do esperado para a faixa etária de acordo com os parâmetros da cultura em que está inserida.

Por isso, é importante que essa criança receba atenção diferenciada, para que seu desenvolvimento seja acompanhado, permitindo a identificação precoce de sinais sugestivos da manifestação de algum problema ou dificuldade, para que se ofereça alguma medida que vise minimizar ou excluir esse problema.

É importante ter claro que a presença de fatores de risco não significa, necessariamente, que a criança vá apresentar algum problema no seu desenvolvimento, uma vez que a vulnerabilidade varia de um indivíduo para outro.

Segundo estudos, crianças cujas mães tiveram complicações na gravidez, no parto ou nasceram prematuras apresentam maior possibilidade de desenvolver algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Entre estes fatores podemos citar condições maternas adversas (diabetes, anemia, parto prolongado, eclâmpsia), a ocorrência de anóxia e prematuridade.

Neste sentido, a realização do pré-natal representa papel fundamental em termos de prevenção e/ou detecção precoce de patologias maternas e fetais, possibilitando o desenvolvimento saudável do bebê e reduzindo os riscos da gestante.

Durante o acompanhamento pré-natal, as gestantes também recebem orientações sobre a importância de manterem uma alimentação saudável, praticar atividades físicas e evitar uso de álcool, fumo e outros tipos de drogas.

Assim, a importância do ambiente no desenvolvimento cerebral não pode ser subestimada – crianças expostas a ambientes empobrecidos, abuso ou negligência provavelmente terão muitas desvantagens em outras fases da vida.

Por isso, é de extrema importância a interação entre características individuais, estratégias para adaptação ao ambiente e os recursos disponíveis no ambiente, como apoio familiar e social para que a pessoa possa obter um resultado satisfatório na batalha contra as adversidades.

Para que a batalha seja vencida, é necessário expor nossas crianças a fatores ambientais/externos adequados, permitindo melhor desenvolvimento das habilidades perceptuais, motoras, cognitivas e sociais.

Para isso, entram em ação os fatores de proteção, ou seja, os elementos que aumentam a possibilidade de os sujeitos não serem afetados pelos fatores de risco por causa dos recursos próprios

ou ambientais, reduzindo as chances de consequências negativas e aumentando a chance de consequências positivas. Deste modo, é essencial estabelecer e manter a autoestima e autoeficácia, estabelecendo relações de apego seguras e cumprindo tarefas com sucesso, criando, dessa forma, oportunidades para que os efeitos do estresse sejam revertidos.

Intervenção Precoce

A intervenção precoce tem o objetivo de reduzir ou evitar os efeitos de fatores de risco no desenvolvimento de crianças pequenas (intervenção preventiva) ou intervir em alterações do desenvolvimento que já estejam presentes (intervenção remediativa).

A boa notícia é que o cérebro está constantemente se transformando e tudo o que fazemos contribui para sua modificação de forma passageira ou duradoura.

Essa capacidade do cérebro de modificar sua forma e modo de funcionar a partir das experiências que vivenciamos cotidianamente (estímulos ambientais), armazenando os resultados do aprendizado sob a forma de memória, é chamada de neuroplasticidade.

Quanto antes identificarmos alguma alteração no desenvolvimento, mais precocemente essa dificuldade será acompanhada e tratada, propiciando que a criança se desenvolva da maneira mais saudável possível.

VOCÊ SABIA?

O cérebro de um recém-nascido pesa 400g e o de um adulto 1,3 kg – essa diferença é gerada pelo imenso número de conexões que se desenvolvem ao longo da vida à medida que o cérebro é estimulado.



O que é e como se dá o desenvolvimento humano?

Durante a infância as crianças passam por intensas transformações. Seu desenvolvimento engloba aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos, cujo desenvolvimento de cada um desses domínios influencia os demais – estão todos interligados.

Por exemplo, quando a criança começa a andar, passa a explorar novos objetos, assim seu desenvolvimento físico promove também desenvolvimento cognitivo.

Por outro lado, bebês que sofrem com repetidas otites podem apresentar atrasos no desenvolvimento de linguagem. Dessa forma, um aspecto físico prejudica o desenvolvimento cognitivo. Segundo Papalia (2013), podemos definir didaticamente os seguintes domínios:

DOMÍNIOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO



FÍSICO

Crescimento do corpo e do cérebro, incluindo os padrões de mudanças nas capacidades sensoriais (visão, audição, tato, paladar e olfato), habilidades motoras e saúde.



COGNITIVO

Mudança nas habilidades mentais, como aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade.



PSICOSSOCIAL

Mudanças nas emoções, personalidade e relações sociais.

Sabe-se que o desenvolvimento infantil tem grande impacto sobre o resto da vida das pessoas, podendo afetar a vida acadêmica, profissional e pessoal de jovens e adultos. Da mesma forma, pode ser afetado por aspectos herdados geneticamente ou por experiências vividas pelas crianças, especialmente nos primeiros anos de vida.

Kolb e Wishaw (2002), dois pesquisadores norte-americanos, compararam o desenvolvimento cerebral e cognitivo à construção de uma casa. Segundo eles, o primeiro passo seria a elaboração

de uma planta que dá as diretrizes de trabalho aos profissionais responsáveis. No caso dos seres humanos, essa planta para o desenvolvimento do cérebro seria a herança genética. Essa é muito importante, mas sozinha não determina como o indivíduo será na vida adulta.

Em um segundo momento, será feita a fundação da casa, sobre a qual serão erguidas as paredes e outras estruturas. Pensando no desenvolvimento infantil, poderíamos comparar a fundação às experiências vividas nos primeiros anos da infância. Essas experiências que começam desde a vida intrauterina serão fundamentais para o desenvolvimento de habilidades mais complexas como pensamento, linguagem, raciocínio abstrato e muitas outras.

É importante conhecermos seus marcos principais, períodos esperados para o desenvolvimento de habilidades específicas, assim podemos ficar alertas a qualquer alteração que indique problemas. Além disso, é importante observar se a criança apresenta déficits em um único domínio ou se tem atrasos em diferentes domínios do desenvolvimento simultaneamente. Sempre que houver atraso no desenvolvimento se recomenda que a criança seja avaliada por um pediatra ou neuropediatra.

É importante saber que existem diferenças individuais no desenvolvimento infantil. Alguns bebês falam mais cedo que outros, por exemplo, mas existem padrões de normalidade estabelecidos para cada faixa etária.

AS EXPERIÊNCIAS MOLDAM A ARQUITETURA DO CÉREBRO



VÍDEO: DESENVOLVIMENTO INFANTIL FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL

O vídeo 'As experiências moldam a arquitetura do cérebro' foi produzido pelo Center on the Developing Child (CDC), da Universidade de Harvard, para explicar, com palavras e imagens simples, como as vivências de uma criança pequena têm impacto sobre a formação do seu cérebro e de sua capacidade futura para o aprendizado, o comportamento e as emoções.



Esse vídeo faz parte do conjunto 'Três Conceitos Fundamentais sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância', composto por mais dois vídeos. A tradução e a adaptação para o português foram realizadas pelo Núcleo Ciência Pela Infância, composto pelo CDC, pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), pelo Insper Instituto de Ensino e Pesquisa e pelo David Rockefeller Center for Latin American Studies, também ligado à Universidade de Harvard



Como promover estímulos adequados que favoreçam o desenvolvimento e a aprendizagem

Durante a infância, para se desenvolver bem, as crianças precisam de um ambiente acolhedor, harmonioso e rico em experiências desde o período pré-natal.

Imediatamente pensamos, então, na importância da família como o primeiro núcleo de pessoas que cuidam e promovem estímulos em todos os domínios do desenvolvimento infantil. Lembramos ainda que, com a herança genética, as experiências de vida nos primeiros anos terão impacto no futuro das crianças, inclusive sobre o período de aprendizagem formal, ou seja, escolar.

Mas a família não está sozinha. É importante poder contar com as orientações de um bom pediatra, uma creche ou escola adequada e com o apoio das políticas públicas que organizem serviços para apoiar as necessidades de famílias e crianças e para respeitar seus direitos.

Da reflexão acima, decorrem naturalmente uma série de questões. Em um processo tão complexo como o desenvolvimento, como a família e sua rede de apoio podem promover estímulos adequados? Quais são esses estímulos? Como saber o que estimular e em que momentos? A chave para responder a essas questões está no conhecimento acerca do desenvolvimento das crianças e na interação entre pais e filhos.

Vamos refletir ao compreender quais são os domínios do desenvolvimento os pais ficam atentos à estimulação de habilidades em todos eles, ou seja, tornam-se agentes de mudança tanto em aspectos físicos (de saúde, motores e sensoriais) como cognitivos (atenção, linguagem, memória, etc) e psicossociais (afeto e socialização). Dessa forma, promovem estimulação do desenvolvimento global de seus filhos.

Entretanto, não basta saber quais domínios estimular, é relevante conhecer os momentos ideais para cada habilidade, como no tópico que aborda os períodos sensíveis no desenvolvimento. Além disso, cada fase do desenvolvimento é influenciada pela anterior e importante para a seguinte. Perceba que, ao saber que começamos a aprender ainda no útero, os cuidados com o bebê passam a ser entendidos como importantes desde o período gestacional, pois sabe-se que as experiências vividas por ele serão fundamentais para suas aprendizagens futuras. Da mesma forma, estimular a linguagem oral desde muito cedo será muito positivo para o desenvolvimento da linguagem escrita mais adiante.

Aqui cabe ressaltarmos que as experiências iniciais são importantes, mas as pessoas podem mudar ao longo de toda sua vida. A plasticidade cerebral e a capacidade de aprender nos acompanham até a velhice, mas com custos mais altos à medida em que o tempo passa.

Interação entre pais e filhos

Um dos pontos fundamentais para a promoção do desenvolvimento é a interação entre pais e filhos. É por meio dela que os pais podem oferecer estímulos em todos os domínios de maneira integrada. Essa interação começa bem cedo, no contato com o bebê e passa por momentos de lazer, cuidados de saúde e higiene, apoio aos estudos por toda a infância e adolescência.

É curioso pensar como momentos de lazer e diversão não são valorizados por muitos pais, mas podem ser de extrema riqueza de estímulos em todos os domínios. Enquanto brincam as crianças aprendem, por exemplo, a respeitar regras, aguardar sua vez, tolerar frustrações, desenvolvem coordenação motora, ampliam o vocabulário e exercitam a linguagem. Sem contar as trocas afetivas e a construção bons relacionamentos.

De maneira semelhante, momentos de cuidados como refeições e banho podem oferecer diversas possibilidades de estímulo e carinho. Em seu livro sobre o Desenvolvimento Humano, Papalia (2001) relatou uma pesquisa a respeito de aspectos do ambiente doméstico que propiciam desenvolvimento cognitivo e psicossocial adequados e preparam as crianças para a escola. Essa pesquisa revelou mecanismos de preparação para o desenvolvimento que podem orientar os pais durante as diversas situações de interação. São eles:

VOCÊ SABIA?

Quando o bebê vem a mundo, por já ter ouvido muitos sons dentro da barriga da mãe, é capaz de perceber até diferenças entre a língua materna e uma língua desconhecida, ainda que não saiba falar e não compreenda o que está sendo dito.

ESTÍMULOS NO AMBIENTE DOMÉSTICO



MECANISMOS DE PREPARAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

- Incentivo à exploração
- Instrução em habilidades cognitivas e sociais básicas, como rotulação, sequenciamento, classificação e comparação
- Comemoração e reforço por novas realizações
- Orientação na prática e expansão de novas habilidades
- Proteção contra punição inadequada ou desaprovação por erros ou consequências imprevistas na exploração de novas habilidades
- Estimulação de linguagem

A propósito, falando em estimulação de linguagem, há uma “dica” de estimulação que vale para todas as crianças, desde a barriga da mãe até a fase escolar: **A LEITURA EM VOZ ALTA**

A maioria dos bebês e crianças gostam que leiam para elas. Esses momentos proporcionam intimidade emocional e ampliam a comunicação entre pais e filhos, sem contar a influência positiva para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Isso mesmo! Quando lemos para uma criança, utilizamos palavras e frases características de textos escritos e não da fala cotidiana. Acabamos por ensiná-las que escrevemos de uma maneira diferente da que contamos histórias oralmente.

Algumas atitudes dos pais durante a leitura podem auxiliar o desenvolvimento de linguagem de seus filhos nas mais diversas faixas etárias, como:

-  **LER** o texto como está escrito e depois parafraseá-lo conforme a necessidade das crianças;
-  **RESPEITAR** o vocabulário utilizado pelo autor, oferecendo sinônimos e explicações quando necessário;
-  **CONVERSAR** sobre os tópicos que interessarem às crianças;
-  **PROMOVER** também momentos de silêncio para que os pequenos possam fazer ou responder a perguntas sobre a história;
-  **FAZER PERGUNTAS** abertas e instigantes, em que as respostas não sejam apenas sim ou não (ex.: “o que a menina está fazendo?” em vez de “a menina está brincando?”);
-  **ALTERNAR** entre leituras de livros com e sem ilustração, ou diversificar os momentos em que as revelam;
-  **INCENTIVAR** que as crianças façam previsões acerca do que vai ou não acontecer nos próximos episódios;
-  **PERMITIR** que a criança seja a leitora, ainda que “invente” uma narrativa.

Referências

American Psychiatry Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

American Psychiatry Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (4.ed.). Porto Alegre: Artmed, 2002.

Barreto, M., Pesaro, F. Bullying é coisa séria! Disponível em: <http://www.florianopesaro.com.br/wp-content/uploads/2014/10/cartilha-bullying-12-08-2014.pdf>

Call, N., Featherston, S. Cérebro e educação infantil: como aplicar os conhecimentos da ciência cognitiva no ensino de crianças de até 5 anos. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

FRITH, U. O sábio equilíbrio entre entusiasmo e ceticismo. Revista Educação – Neuroeducação, a ciência do aprendizado. São Paulo, 2012, v. 1, n. 1, p. 8-15.

GROP (Grup de Recerca en Orientació Psicopedagógica). Atividades para o desenvolvimento da inteligência emocional em crianças. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

Haase, V.G., Santos, F.H. Transtornos específicos de aprendizagem: dislexia e discalculia. In: Fuentes, D. et al. Neuropsicologia: teoria e prática. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 139-163.

Instituto ABCD. Programa Todos Aprendem: apostila do professor. 2013, 2ª Ed. São Paulo.

Instituto ABCD. Programa Todos Aprendem: fichas de atividades. 2014. São Paulo.

INSTITUTO ABCD. Todos Entendem: conversando com os pais sobre como lidar com a Dislexia e outros Transtornos Específicos de Aprendizagem. 2015.

KOLB, B.; WHISHAW, J. Neurociência do Comportamento. São Paulo: Manole, 2002, 664p.

MARQUES, C.A.E. Fatores de risco e de proteção: discutindo o desenvolvimento infantil. In: VALLE, L.E.L.R.; CAPOVILLA, F.C. (Org.) Temas Multidisciplinares de Neuropsicologia e Aprendizagem. 3 ed. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2011, p. 572-578.

MAZER, S.M.; BELLO, A.C.D.; BAZON, M.R. Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. Psicologia da Educação, 2009, n. 28, p. 7-21.

Navas, A.L.G.P. (2012). Annual research review: the nature and classification of reading disorders - a commentary on proposals for DSM-5. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 17, n. 3, p. 370-371.

Navas, A.L.G.P.; Weinstein, M.C.A. (2009) Editorial II. Revista CEFAC, São Paulo, v.11, n.4, 2009.

ROTTA, N.T. Dificuldades para a aprendizagem. In: ROTTA, N. T., OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. (Org.). Transtornos da aprendizagem – abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, v. 1, p. 113-126.

Silva, B.; Luz, T.E., Mousinho, R. (2012). A eficácia das oficinas de estimulação em um modelo de resposta à intervenção. Rev. Psicopedagogia, v. 29, n. 88, p. 15-24.

Whitaker, R.C., Pinto, S.A.M. A dislexia e algumas estratégias de intervenção. In: Valle, L.E.L.R., Capovilla, F.C. (Org.) Temas Multidisciplinares de Neuropsicologia e Aprendizagem. 3 ed. Ribeirão Preto: Novo Conceito Editora, 2011.

Zolfan, L.Z. Problemas de aprendizagem: diagnóstico e suas consequências sociais. In: Valle, L.E.L.R., Capovilla, F.C. (Org.) Temas Multidisciplinares de Neuropsicologia e Aprendizagem. 3 ed. Ribeirão Preto: Novo Conceito Editora, 2011, p. 619-625.

Sites

Ministério da Saúde

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/90prenatal.html>

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_crescimento_desenvolvimento.pdf

Brasil Escola

<http://www.brasilecola.com/biologia/pre-natal.htm>

Fundação Maria Cecília Souto Vidigal

<http://www.fmcsv.org.br/pt-br/Paginas/desenvolvimento-infantil.aspx>

<http://www.fmcsv.org.br/pt-br/noticias-e-eventos/Paginas/Sera-que-voc%C3%AA-esta-contribuindo-com-o-desenvolvimento-do-seu-filho.aspx>

INSTITUTO ABCD. Todos Entendem: conversando com os pais sobre como lidar com a Dislexia e outros Transtornos Específicos de Aprendizagem. 2015.

PRESIDÊNCIA

Fabio Di Giorgi

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Roselaine Pontes de Almeida

Carolina Toledo Piza

CONSULTORIA PARA ELABORAÇÃO DO MATERIAL

Maria Fernanda Simões dos Santos

Mariana Cristina de Souza e Silva

EQUIPE ADMINISTRATIVA

Irene Negreiros

Beatriz Garofalo

SUPERVISÃO

Roselaine Pontes de Almeida

Irene Negreiros

Design

Patricia Martins Rocha